

A METODOLOGIA DA HISTÓRIA ORAL E SEU USO EM PESQUISAS ETNOECOLÓGICAS

THE METHODOLOGY OF ORAL HISTORY AND THEIR USE IN ETNOLOGICAS RESEARCHES

LA METODOLOGÍA DE LA HISTORIA ORAL Y SU USO EN INVESTIGACIÓN ETNOECOLÓGICAS

Adelita Stanisk
adelitasta@hotmail.com
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Nicolas Floriani
florianico@gmail.com
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Adnilson de Almeida Silva
adnilsonn@gmail.com
Universidade Federal de Rondonia

RESUMO: Por meio de uma investigação e revisão bibliográfica da temática, o presente estudo busca demonstrar as vantagens da utilização da história oral na pesquisa etnoecológica. A contextualização histórica é muito importante na compreensão da relação homem-meio e é enriquecida com os relatos orais, os quais estão relacionados aos modos de vida das populações tradicionais. A história oral como metodologia tem se mostrado uma das significativas ferramentas nas pesquisas etnoecológicas, por abrir possibilidades e permitir compreender a sobrevivência, a relação homem-meio, a compartimentação de sua visão de mundo, de sua memória individual e coletiva, o que se caracteriza como saberes vernaculares. A história oral colabora para o registro das informações, ao tempo em que as valoriza e permite que as pessoas com uma faixa etária mais avançada possam compartilhar suas experiências e com isso contribuir para a manutenção dos valores culturais, sociais espirituais e ambientais, despertando interesses para as gerações mais jovens que estão inseridas nas mais distintas populações tradicionais.

Palavras-chave: Etnoecologia; Etnoconhecimento; História oral; Metodologia.

ABSTRACT: The present study seeks through a research and bibliographical review of the topic; demonstrates the advantages of the use of oral history in etnoecologic research. The historical context is very important in understanding the relationship between man and its environment and is enriched with the oral reports, which are related to the ways of life of traditional people. Oral history methodology has been shown to be a significant etnoecologics research tool, for opening possibilities and for allowing understanding the survival, the relationship man and its environment, vaulting his worldview, of their individual and collective memory, which is characterized as vernacular knowledge. Oral history collaborates for the record of information, at the same time values the knowledge and allows people with a more advanced age share their experiences and contributes to the maintenance of cultural values, spiritual and environmental social, arousing interest for younger generations who are entered in the most distinct traditional populations.

Keywords: Ethnoecology; Etnoknowledge; Oral History; Methodology.

Resumen: Por medio de una investigación y revisión bibliográfica del tema, este estudio busca demostrar las ventajas de la utilización de la historia oral en la investigación etnoecológica. El contexto histórico es muy importante en la comprensión de la relación entre el hombre y se enriquece con los informes orales, que se relacionan con las formas de vida de los pueblos tradicionales. Metodología de la historia oral ha demostrado ser un significativo etnoecológicas herramientas de investigación, para abrir posibilidades y permiten entender la supervivencia, la relación hombre-clase, saltando de su cosmovisión, de su memoria individual y colectiva, que se caracteriza como conocimiento vernáculo. Historia oral colabora para el registro de su información, en el momento en que los valores y permitir que personas con una edad más avanzada pueden compartir sus experiencias y contribuir al mantenimiento de los valores culturales, espirituales y sociales ambientales, despertando el interés de las generaciones más jóvenes que se introducen en las más distintas poblaciones tradicionales.

Palabras clave: Etnoecología; Etnoconocimiento; Historia oral; Metodología.

Introdução

As pesquisas em etnociências inicialmente estavam pautadas na classificação de espécies, todavia, nos últimos anos os pesquisadores têm procurado por outros aspectos, visto que os saberes tradicionais se relacionam à manutenção da agrobiodiversidade. Verifica-se ainda como de fundamental importância a participação de movimentos sociais de valorização e reconhecimento dessas populações que se destacam em suas comunidades pelos seus vastos conhecimentos, como exemplos as benzedeadas, raizeiros, erveiros e outros.

Neste artigo, a exemplo de outros pesquisadores, entende-se que a contextualização histórica seja muito significativa para os estudos de relação homem-meio e que a história oral é um aporte metodológico expressivo e que considera os aspectos éticos como primordiais à realização da pesquisa, tais como: o termo de livre consentimento e esclarecimento, o retorno de informações para o entrevistado, entre outros mencionados em nosso trabalho.

Desse modo, através de entrevistas da história oral, as narrativas possibilitam compreender a sobrevivência, a visão de mundo, a memória individual e social, abrindo espaço para que pessoas mais velhas compartilhem experiências e mantenham vivas suas culturas, que muitas vezes os mais jovens – por viverem em outros mundos de sentidos e significados – não possuem o interesse em aprender.

Assim, a partir de uma busca bibliográfica de trabalhos na temática da etnoecologia, o objetivo do artigo consiste em apresentar as vantagens da utilização da história oral dentro da temática etnoecológica, como destaca Silva (2010) em que esse ramo do conhecimento humano requer metodologias e abordagens diversificadas para

obter as informações. Essas abordagens são concebidas como relações multi, inter e transdisciplinar dentro do arcabouço sistêmico da ciência, entretanto, para a maioria das populações tradicionais trata-se de um conjunto interligado, pois não há uma separação entre os objetos e os seres.

A metodologia da historia oral

Ao utilizar a metodologia da história oral na etnoecologia entende-se que se trata de um importante instrumento de pesquisa, a qual oferece uma série de vantagens, tanto que é também utilizada em várias áreas do conhecimento, principalmente aquelas relacionadas às ciências sociais e humanas. Ela aparece como um importante recurso na busca de informações e fatos históricos em que se têm poucos documentos escritos, “sendo adequada a pesquisas etnoecológicas que pretendem descrever com maior profundidade” ocorrências históricas e para compreender a paisagem local (SILVA, 2010, p.19).

Desta constatação compreendemos que a história oral como metodologia tem se mostrado bastante eficaz nas pesquisas etnoecológicas, em função de possibilitar e permitir a compreensão sobre a sobrevivência, além da relação do ser humano com o meio e sua compartimentação de visão de mundo e de sua memória individual e coletiva, o que se consubstancia como culturas vernaculares (FLORIANI, 2011) ou “conhecimentos êmicos” (LETT, 1996 *apud* ROSA; OREY, 2012, p.870), isto é, das experiências e vivências, as quais se contextualizam como etnoconhecimentos ou conceitos próprios de interpretar o mundo.

Na percepção de Carneiro (2012, p.121) história oral é uma importante ferramenta porque busca compreender as transformações ou mudanças que ocorrem na comunidade, na mata ou mesmo “no modo de vida das pessoas”. Acrescentamos à discussão do autor a permanência (valores culturais, espirituais, sociais) que são mecanismos de representações plenos de sentidos e significados e que se consolidam como patrimônios imateriais e/ou materiais no interior de um agrupamento humano.

No contexto da etnoecologia, as informações são obtidas através de narrativas, palavras que o informante solidifica no ato de pronunciar, que fazem o intermédio entre a memória e por meio de expressões não somente sintáticas, mas também gestuais que

produzem forma a uma história individual e/ou coletiva que transmite saberes, valores à tradição de uma comunidade (NOGUEIRA, 2013).

A história oral apesar de seu maior desenvolvimento após melhoramento da tecnologia, como de gravadores, já vinha sendo utilizada “pelos historiadores gregos Heródoto e Tucídides, na confecção de seus textos, considerando as testemunhas orais dos acontecimentos”, assim também como há relatos bíblicos de sua utilização (BARBOSA, 2010, p. 01). No entanto seu uso como metodologia é recente, segundo aponta Alberti (2005):

[...] a História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador à fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. (ALBERTI, 2005, p.155).

Enquanto na Europa e Estados Unidos o desenvolvimento da história oral estava associado à Segunda Guerra Mundial, no Brasil, assim como nos demais países da América Latina que tiveram políticas ditatoriais, a história oral tem relações diretas com o processo de “redemocratização”. Carneiro (2012) afirma que na década de 1970, foi criado o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV).

O CPDOC foi um dos primeiros programas de história oral do Brasil e também o organizador dos primeiros encontros e publicações, em um momento em que predominava a valorização do texto escrito como fonte de pesquisa. (MEIHY, 2000). Segundo mesmo autor, no ano de 1994 é realizado o segundo encontro de história oral no CPDOC, momento em que é fundado a Associação Brasileira de História Oral.

O CPDOC “alimentou o maior, melhor e mais bem cuidado acervo de entrevistas do país, sendo sua opção pela coleta de depoimentos da elite política, militar e cultural”, somente mais tarde veio a contemplar outros grupos sociais não privilegiados pelo poder (MEIHY, 2000, p.93-94).

A história oral pode ser dividida em “história de vida, história temática ou de tradições orais”, todas utilizam a oralidade como fonte e obtêm as informações através de entrevistas (BARBOSA, 2010, p.5), o que exige do pesquisador um olhar atento na abordagem para a construção de sentidos, isto porque segundo afirma Nascimento (2014) ao escolher a técnica história de vida, é preciso viabilizar e entender as relações sociais

da comunidade estudada, de modo a possibilitar a compreensão das subjetividades, ou seja, no encontro das interioridades e exterioridades do indivíduo.

Ao discorrer sobre a história temática, obtida através da oralidade, Silva (2010) afirma que equivale ao uso de documentos escritos, o que possibilita de forma prática o entendimento e as soluções de determinadas situações salientes em uma pesquisa.

No entanto “os grupos sociais de tradição oral [...] não fazem maiores distinções entre a sua história, concebida como trajetória no tempo, e as suas narrativas tradicionais”, visto que estas se encontram integradas aos seus modos de vida e as transmissões dos conhecimentos ocorrem pela utilização de uma linguagem eminentemente oral (SOUZA *et al*, 2013, p.227).

Ao nos referirmos a estudos com essas temáticas, o pesquisador se depara com um dos principais desafios da história oral que é o de decodificar códigos de linguagem com as quais os excluídos se apresentem e possam expressar as visões de mundo e suas singularidades dentro de um universo de sentidos e significados.

Por serem excluídos da história escrita – aqui não se trata de analfabetos - mas sim, porque muitos detalhes, as razões de suas escolhas, muitas vezes não são considerados nos documentos escritos, como por exemplo, o “mundo do imaginário e do simbólico, que é tanto motor e criador da história quanto o universo racional” (JOUTARD, 2000, p.33-34). Nesse caso, trata-se de diferentes estruturas de linguagem que comportam distintas vivências e compreensão de mundo, visto que é por meio dos símbolos e signos que estabelecem a relação com o mundo (CASSIRER, 1994, p.50).

Entretanto, assim como os documentos escritos podem ser tendenciosos, por atenderem a interesses, escolhas ou seleções do que se escreve ou se omite da história oral que é ancorada na memória e não está imune aos efeitos da tendenciosidade, ora como superestimação, ora como subestimação dos fatos, a “memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado [...] a memória também sofre flutuações sendo expressa nas preocupações do momento, constituem um elemento de estruturação da memória” (POLLAK, 1992, p.04).

A história oral tem sua importância apoiada no fato de que possibilita ao pesquisador entender não somente acontecimentos, fatos, mas também explorar as emoções (SOUZA, 2009), o que podemos considerá-la como uma fenomenologia, isto por trabalhar com questões que estão relacionadas às subjetividades e intersubjetividades, as quais não podem ser apreendidas de forma quantitativa.

Decorre desses fenômenos que o pesquisador deve possuir uma sensibilidade que também tenha interfaces com as vontades (opiniões) do entrevistado, direcionando as questões ao seu objeto. Na história oral é recomendável que ocorra uma fluidez no diálogo, sem interrupções ao entrevistado, com a possibilidade de abrir-se perspectiva para a existência de experiências que ainda não foram compartilhadas, mas que tem a chance de serem reveladas às gerações mais novas (CARNEIRO, 2012, p.124).

O pesquisador que se propõe a utilizar a história oral como metodologia, antes de qualquer coisa, deve se preparar para ouvir, saber ouvir e direcionar sua entrevista sem interromper, tendo atenção a fatos que podem ir além de sua busca, os quais podem ser muito importantes para a compreensão do outro, justificando muito do que o próprio pesquisador às vezes não consegue compreender ao se deparar com outras culturas e outros valores.

Outro fator importante ao qual o pesquisador deve-se não se descuidar é quanto à utilização de um caderno de campo para fins de registro de suas impressões e outras informações que são percebidas durante a entrevista, mas que não são faladas - até os momentos de silêncio em meio a narrativas podem fornecer informações, sentimentos e outras subjetividades significativas para o entrevistado.

Neste contexto, o gravador apesar de ser uma ferramenta essencial na metodologia, só deve ser utilizado mediante autorização do entrevistado e deve-se observar se a presença do aparelho não causa quaisquer tipos de constrangimento (ALBUQUERQUE *et al*, 2010). Após a coleta das informações estas são transcritas e devem ser apresentadas ao entrevistado, para que esse confirme e concorde com sua publicação. Segundo argumenta Amado (1997, p.146) “tudo que escrever ou disser não apenas lançará luz sobre pessoas e personagem históricos, mas trará consequências imediatas para as existências dos informantes e seus círculos familiares, sociais e profissionais”.

Outra importante ferramenta que permite melhor registrar os detalhes em pesquisas etnoecológicas são os vídeos, no entanto para a utilização dos mesmos, é necessário que a pessoa tenha experiência e consiga produzir material com boa qualidade (ALBUQUERQUE *et al*, 2010), e semelhante ao que ocorre com a entrevista gravada também ocorre uma série de implicações ao informante.

Neste sentido, é indispensável à formalidade para com o entrevistado, isto é, a autorização ou termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) 1 para evitar eventuais aborrecimentos e questionamentos que possam surgir, conforme são apresentadas algumas sugestões.

[...] discutir os aspectos éticos associados com a pesquisa junto à comunidade envolvida incluindo o consentimento informado; avaliar as implicações comerciais caso o vídeo seja apresentado para uma ampla audiência, incluindo uma discussão sobre direitos de propriedade intelectual. (FULLER, 2007 *apud* ALBUQUERQUE *et al*, 2010, p.49).

Dentre os aspectos éticos que devem ser observados, alguns deles dizem respeito:

a) se o entrevistado deseja ou não que seja ocultada sua identificação; b) cuidado para não generalização de fatos pessoais; c) não compor partes de várias entrevistas sem identificar que são de pessoas diferentes; d) preocupar-se para não expor de forma negativa as opiniões do informante.

O pesquisador antes de iniciar a entrevista, deve ser franco deixando claro a que fim se destina as informações, estabelecendo nos primeiros contatos um diálogo que permita estabelecer “um clima de confiança, respeito e compromisso entre o pesquisador/entrevistador e o narrador/entrevistado” (SANTOS; ARAÚJO, 2007, p.197), em síntese, apresentar o TCLE para que o entrevistado sinta-se disposto a contribuir com informações relevantes para a ciência e para a sociedade.

A entrevista realizada por meio da história oral assume um caráter aberto, sendo importante que o entrevistador já tenha realizado um roteiro para nortear a entrevista aos dados que procura, pois se expressam diferentes interesses, o do pesquisador que busca respostas a sua problemática e o entrevistado que tenta em sua narrativa passar aquilo que tenha sentido e significado para si ou que considere relevante informar (SANTOS; ARAÚJO, 2007).

O tempo para realização de entrevista também colabora para seu sucesso, então deve ser agendada um ou mais encontros com a data e horário antecipados com o

1 [...] é um documento que informa e esclarece o sujeito da pesquisa de maneira que ele possa tomar sua decisão de forma justa e sem constrangimentos sobre a sua participação em um projeto de pesquisa. É uma proteção legal e moral do pesquisador e do pesquisado, visto ambos estarem assumindo responsabilidades. Deve conter, de forma didática e bem resumida, as informações mais importantes do protocolo de pesquisa. Deve estar escrito em forma de convite e em linguagem acessível aos sujeitos daquela pesquisa. O pesquisador deve se garantir que o sujeito da pesquisa realmente consiga entender o que está escrito. Não tente esconder possíveis riscos e desconfortos. Apresente seu projeto indicando tudo o que poderá constranger ou trazer prejuízos ao sujeito da pesquisa. (<http://www.cep.ufam.edu.br/index.php/tcle>. Acessado em 11 set 2014).

informante e se no decorrer da entrevista o narrador/entrevistado apresentar indícios de cansaço ou pressa, o pesquisador ao perceber deve perguntar ao entrevistado se poderá voltar em outro momento mais adequado para finalizar o trabalho.

Etnoecologia e história oral

A etnoecologia é um campo interdisciplinar que estuda as relações das populações locais com os ecossistemas. Seus conhecimentos, valores culturais e sistemas de adaptação desenvolvidos para sobreviver. (MARQUES, 2001 *apud* ALVES; MARQUES, 2005).

Ela pode ainda ser definida como um campo multidisciplinar que estuda os conhecimentos, práticas e crenças do homem em relação à natureza (TOLEDO, 2009), ou conforme situa Haverroth (2008, p. 18) é um campo complexo que ganhou impulso a partir da década de 1950, com pesquisas que inicialmente “voltaram-se para análises de aspectos lexicográficos das classificações de *folk* ou etnoclassificações e sobre categorias de cores, plantas e parentesco de diferentes sociedades”.

Como marco histórico, a etnociência foi desenvolvida pelos trabalhos de Conklin (1954) que segundo Roué (2000, p.67) estudou as “categorias semânticas indígenas próprias dos objetos e fenômenos naturais” permitindo então entender a visão de mundo dessas populações. Nesta mesma direção, é semelhantemente aplicada em estudos com comunidades tradicionais que possuem um conhecimento não estruturado como ciência acadêmica, mas que são detentores de uma ciência/conhecimento e outras formas de saberes.

Os saberes locais têm estimulado vários pesquisadores a buscar informações a respeito desses conhecimentos em relação à natureza para compreenderem o manejo de diversas espécies, por acreditarem que através delas se consiga estabelecer estratégias que visam à sustentabilidade (AMOROZO, 2002). Esses conhecimentos são revelados pelos entrevistados – indígenas e povos tradicionais, em razão de suas vivências e experiências adquiridas ao longo de várias gerações.

No entanto, uma importante característica das comunidades tradicionais é a transmissão de seus conhecimentos através da memória e da oralidade, essa pertinência é destaca por Toledo (2001, p.8) “a memória é o mais importante recurso intelectual desses povos e comunidades”.

E como a etnoecologia estuda os conhecimentos de várias comunidades e populações a respeito da natureza, o uso da história oral possibilita a obtenção de muitas informações, a expressão de sentimentos, sentidos e significados que estão presentes na vida dos moradores, sendo aplicada a metodologia com as pessoas mais experientes da comunidade, geralmente os idosos que detêm um acúmulo memorial de informações.

Nas comunidades rurais as pessoas compartilham uma cultura definida pela intersubjetividade, valores e culturas, as quais formam uma imaginação coletiva fazendo com que na história de vida de uma pessoa esteja presente também a memória de outras pessoas, o que confere com os relatos uma história coletiva. Em relação a isto, Montenegro e Silva (2010, p.27) consideram que “a memória não é um fenômeno de interiorização individual, mas sim uma construção social e um fenômeno coletivo, sendo, muitas vezes, modelada pelos próprios grupos sociais”.

A história oral na compreensão da relação da comunidade local e o meio tem sido uma fonte primordial para vários autores, como: Souza (2009); Silva (2010); Codes e Bandeira (2011); Aguiar e Fraxe (2011); Caetano *et al* (2012); Silva (2012); Strachulski (2014), entre outros.

Na busca de compreender o manejo das espécies e o desenvolvimento de estratégias de manutenção dos ecossistemas locais a história oral complementa as fontes escritas e esclarece dados relevantes aos propósitos da pesquisa (SILVA, 2010), no entanto, o mesmo autor (p. 29) considera que a “contextualização histórica é um elemento essencial para a compreensão das relações homem-ambiente”, ainda que essa tenha uma pequena aplicação em estudos etnoecológicos, visto que, muitos pesquisadores não compreendem a relevância histórica para seus trabalhos, o que poderá implicar em um desacerto na análise metodológica.

Nas narrativas do entrevistado ele deixa transparecer como se vê e como é visto pelos demais membros de sua comunidade (SILVEIRA, 2007). Assim institui a identidade coletiva, e permite compreender não somente como ocorre a relação dessa comunidade com o meio ambiente em que vive – ali está o seu pertencimento com sua gente e com o local.

A história coletiva possibilita refletir sobre a trajetória da comunidade no tempo, como são vistas as mudanças que ocorrem e como essas pessoas agem com restrições impostas, a exemplo da criação de área de proteção permanente onde é proibida a retirada de material botânico que sempre foi utilizado pelos seus ancestrais, bem como se

adaptam ou resistem às transformações ecológicas – o que se caracteriza como resiliência.

A metodologia da história oral pode ser utilizada em conjunto com outras metodologias como a de construção de mapas participativos, pois, ambos auxiliam no resgate de memórias e saberes coletivos em relação à natureza e possibilitam entender como os indivíduos compreendem, utilizam e podem pensar em perspectivas para seu território, ou seja, como um instrumento de planejamento.

A história oral possibilita que “através da memória, os relatos orais criem uma espécie de cartografia mental, na qual o espaço, mais que o tempo, fornece os marcadores significativos e as qualidades ideais são situadas simbolicamente”. (SAMUEL, 1997 *apud* SOUZA, 2009).

Neste sentido, a história oral se inter-relaciona aos aspectos de materialidade e de subjetividade descritos como “marcadores territoriais”, conforme Almeida Silva (2010):

[...] a partir dos símbolos que ocorrem enquanto espaço de ação, definem territorialidades vinculadas à cosmogonia e experiências socioespaciais e possibilitam a formação das identidades culturais e do pertencimento identitário [...] são experiências, vivências, sentidos, sentimentos, percepções, espiritualidade, significados, formas, representações simbólicas e presentificações que permitem a qualificação do espaço e do território como dimensão das relações do espaço de ação, imbricados de conteúdos geográficos. (ALMEIDA SILVA, 2010, p.106).

A história oral se destaca como ferramenta que auxilia a busca dos conhecimentos e as particularidades socioculturais de comunidades rurais tradicionais e não tradicionais, bem como no que se refere à compreensão das transformações ocorridas com as populações locais e a relação espaço-tempo-práticas, que trazem novas configurações territoriais para muitas comunidades. Dessa forma,

[...] As práticas de uso sustentável têm fortes raízes culturais, baseadas em conhecimentos tradicionais sobre a flora e a fauna. Os saberes tradicionais são produzidos de forma coletiva, com base em ampla troca de informações, sendo transmitidos oralmente de uma geração para outra, ao menos localmente. Esse acervo constitui um patrimônio cultural e científico de grande relevância, que deve ser igualmente conservado (SAWYER, 2011, p. 372).

Sobre tais aspectos se constata que se trata de uma linguagem rica em conhecimentos e como tal deve ser valorizada. Em um trabalho embasado pela etnoecologia, Codes e Bandeira (2011, p.48) buscam compreender a relação homem-natureza e realizam a coleta de dados por meio da história oral destacando que “a associação entre a pesquisa no ramo da História Oral e os Estudos Etnoecológicos

mostrou-se produtiva e repleta de possibilidades, orientando ainda mais os objetivos investigativos acerca dos saberes”.

Então a transformação ecológica da paisagem com o uso da história oral se mostra muito importante, pois permite compreender como as populações tradicionais e indígenas percebem permanências e mudanças que ocorrem no espaço, possibilitando a obtenção de dados.

Também se pode entender como a tecnologia é vista pelas comunidades, pois o pesquisador percebe a ocorrência nas práticas e quais são as influências exógenas atuantes, mas não como o entrevistado entende essas intervenções externas e como ele se identifica com o meio. Um exemplo disso pode ser a percepção que determinada comunidade ribeirinha ou pesquisador possui em relação ao estoque de pescados e espécies de peixes quanto ao aumento, diminuição e estabilização e quais são os fatores que atribuem ao fenômeno.

Neste caso, os relatos orais proporcionam maior interação entre pesquisador e comunidade, sendo que cada pessoa vai agir de forma diferente diante de um gravador. Com algumas pessoas, a relação entrevistador/entrevistado pode estabelecer vínculos afetivos e emocionais, mas que também pode gerar até sentimentos negativos, ódio. É indispensável cuidado no encaminhamento da pesquisa para que ao analisar o conteúdo não se tome partido a algo que possa de repente se transformar numa denúncia policial, ou mesmo para não perder o foco de seu objeto.

É relevante constatar que nenhuma pesquisa é neutra, pois ela transporta consigo ideologias, conhecimentos e visões de mundo que podem influenciar na análise do conteúdo. Ressalta-se que nem a pesquisa e tampouco o pesquisador conseguem apreender o problema na totalidade, de modo que existirão lacunas, as quais serão respondidas em outras pesquisas, inclusive por outros estudiosos.

Dentre as divisões da história oral, é pouco utilizada a história de vida nas pesquisas etnobiológicas (ALBUQUERQUE *et al*, 2010). No entanto, a história oral temática tem contribuído na identificação das sutilezas dos saberes e dos usos da flora, ou mesmo para compreender a razão de certas comunidades terem alguns tipos de práticas, manejarem e cultivarem espécies de plantas, enquanto outros agrupamentos humanos com territórios que apresentam semelhanças físicas (solos, clima, hidrografia, etc.) possuem outros modos distintos de apreensão em relação à natureza.

São nessas sutilezas, que o histórico das comunidades proporciona compreensão que dificilmente seria encontrada em materiais escritos a não ser que anteriormente tenha sido alvo de estudos científicos que buscavam resultados similares. Então a história oral em muitos momentos se constitui como uma grande fonte de informação dos valores culturais, espirituais e territoriais de determinada comunidade.

Considerações finais

Entende-se que a história oral como metodologia se mostra adequada na realização de pesquisas etnoecológicas. No entanto, um elemento muito relevante na coleta de dados e informações em uma pesquisa ocorre pela formação de vínculos, ou seja, a relação de confiança estabelecida entre entrevistador e entrevistado, de modo que possamos obter o que desejamos da forma mais detalhada possível.

A relevância da história oral na etnoecologia serve como referência para atitudes práticas em relação ao meio, bem como para a tradição cultural e o repasse de informações, as quais se constituem como uma ferramenta metodológica em estudos, e que se vincula à formação de pessoas mais conscientes de seu papel social. A memória dessas populações não pode ser esquecida, pois se trata de conhecimentos, saberes, experiências e vivências, muitos dos quais sequer foram estudados e assim podem se perder definitivamente.

Referencias Bibliograficas

ALMEIDA SILVA, Adnilson de. Territorialidades e identidade dos coletivos Kawahib da Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau em Rondônia: “Orevaki Are” (reencontro) dos “marcadores territoriais”. Tese de Doutorado em Geografia. Curitiba: UFPR/SCT/DG/PPGMDG, 2010. 301f.

AGUIAR, Janaina; FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. Aspectos etnoecológicos relacionados às roças de mandioca no Amazonas In: VII CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA – Fortaleza/CE – 12 a 16/12/2011. Resumos do VII Cadernos de Agroecologia – Fortaleza/CE. Vol. 6, No. 2, Dez 2011. p. 1-5. Disponível em <http://www.aba-agroecologia.org.br/revistas/index.php/cad/article/view/11845/8166>. Acessado em 10 set 2014.

ALBERTI, Verena. Manual de História Oral. 3.ed. Rio de Janeiro:FGV, 2005.

ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de; LUCENA, Reinaldo Farias de Paiva; CUNHA, Luiz Vital Fernandes Cruz da. Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica. 1 ed. Col. Estudos e Avanços. Recife: NUPEEA, 2010.

ALVES, Ângelo Giuseppe Chaves; MARQUES, José Geraldo Wanderley. Etnopedologia: uma nova disciplina?. In: VIDAL-TORRADO, P. et al. Tópicos em ciência do solo. Viçosa: Sociedade Brasileira de Ciência do Solo, 2005. V.4, cap.8, p.321-344.

AMADO, Janaína. A Culpa Nossa de Cada Dia: Ética e História Oral. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História, São Paulo, n.º 15, p.145-155. Abr., 1997. Disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11225/8232>. Acessado em 08 set 2014.

AMOROZO, Maria Christina de Mello. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antonio do Leverger, MT, Brasil. Acta Botanica Brasilica, v.16, n. 2, p. 189-203. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/abb/v16n2/a06v16n2.pdf> . Acessado em 07 mar 2014.

BARBOSA, Roldão Ribeiro. O Uso da História Oral na Pesquisa em Educação no Brasil. In: VI ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA UFPI. Teresina: Anais do VI Encontro de Pesquisa em Educação da UFPI - 2010. p.1-12. Disponível em http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.10/GT_10_08_2010.pdf. Acessado em 08 set 2014.

CAETANO, Marta Coutinho; PAIVA, Robson Soares; SILVA, Bruno Maués da. A Etnoecologia e os impactos das Empresas Mineradoras na Comunidade do Rio Arienga, na Vila de Beja em Abaetetuba Pará. In: VI ENCONTRO NACIONAL DA ANNPAS, 2012, Belém. Anais de resumo do VI Encontro Nacional da Anppas. Belém: Naea, 2012. p. 1-11. Disponível em <http://www.anppas.org.br/encontro6/anais/ARQUIVOS/GT14-923-838-20120630234706.pdf>. Acessado em 09 set 2014.

CARNEIRO, Josué. História Oral Como Instrumento no Desenvolvimento e Elaboração da Pesquisa. Bol. Geogr., Maringá, v. 30, n. 2, p. 121-131, 2012. Disponível em <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/BolGeogr/article/view/11325/9434>. Acessado em 03 mar 2014.

CASSIRER, Ernest. Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CODES, Davi Henrique Correia de; BANDEIRA, Fábio Pedro Souza de Ferreira. Estudo Etnoecológico Sobre a Percepção e a Memória Popular do Ambiente como Base para a Educação Ambiental no Município de São Francisco do Conde, Bahia In: XV SEMIC. Universidade Estadual de Feira de Santana, de 17 a 21 de outubro de 2011. Resumos do XV Seminário de Iniciação Científica (SEMIC). p. 45-48. Disponível em <http://www.xvisemic.esy.es/arquivos/sessao-i/davi-henrique-correia-de-codes.pdf>. Acessado em 15 ago 2014.

CONKLIN, Harold C. Na ethoecological approach to shifting agriculture. Trans. New York Academy of Sciences, n.17, 1954.

FLORIANI, N. Saberes e práticas de territórios agroecológicos. Ponta Grossa: EdUEPG, 2011.

HAVERROTH, Moacir. Para Quem Está Chegando nas Etnociências. In: Boletim da Sociedade Brasileira de etnobiologia e etnoecologia. v. 11. p. 4. março de 2008. <http://www.ufrgs.br/pgdr/arquivos/516.pdf>. Acessado em 11 set 2014

JOUTARD, Philippe. Desafios à História Oral do Século XX. In: ALBERTI, V.; FERNANDES, T. M.; FERREIRA, M. M. (orgs). História oral: desafios para o século XXI [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. 204p. Available from SciELO Books <http://books.scielo.org>. Acessado em 10 set 2014.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Desafios da História Oral Latino-Americana: O Caso do Brasil. In: ALBERTI, V.; FERNANDES, T. M.; FERREIRA, M. M. (orgs). História oral: desafios para o século XXI [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. 204p. Available from SciELO Books <http://books.scielo.org>. Acessado em 10 set 2014.

MONTENEGRO, Rosilene; SILVA, Fabio Ronaldo da. História Oral, Memória e Ensino de História. In: II COLÓQUIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA: FONTES HISTÓRICAS, ENSINO E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO de 18 a 22 de outubro de 2010. Campina Grande. Caderno de resumos do II Colóquio Internacional de História: fontes históricas, ensino e história da educação. Campina Grande. outubro de 2010. p. 27. http://www.ufcg.edu.br/~historia/iiclh/portugues/index.php?option=com_content&view=article&id=85&Itemid=12. Acessado em 10 set 2014.

NASCIMENTO, Luanne Michella Bispo. Da invisibilização à evidencição dos saberes ambientais da comunidade do povoado Ribeira no entorno do Parque Nacional Serra de Itabaiana. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2014. 150f.

NOGUEIRA, Teresinha de Jesus Araújo Magalhães. Memória, história oral e narrativa: o encontro do possível na multiplicidade de pontos de vista. In: VII CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2013, Cuiabá - Mato Grosso. Circuitos e Fronteiras da História da Educação no Brasil. Cuiabá - Mato Grosso. 2013. p. 1-13. Disponível em <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/03-%20FONTES%20E%20METODOS%20EM%20HISTORIA%20DA%20EDUCACAO/MEMORIA%20HISTORIA%20ORAL%20E%20NARRATIVA.pdf>. Acessado em 10 set 2014.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acessado em 15 ago 2014.

ROSA, M. & OREY, D.C. O campo de pesquisa em etnomodelagem: as abordagensêmica, ética e dialética. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 38, n. 04, p. 865-879,

out./dez. 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ep/v38n4/06.pdf>. Acessado em 10 set 2014.

ROUÉ, Marie. Novas perspectivas em etnoecologia: saberes tradicionais e gestão de recursos naturais. In: Diegues, Antonio Carlos (org.). Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos 2. ed. São Paulo: NUPAUB-USP: Hucitec: Annablume, 2000.

SANTOS, Sônia Maria dos; ARAÚJO, Osmar Ribeiro de. História Oral: Vozes, Narrativas e Textos. Cadernos de História da Educação n. 6. p.191-201.jan./dez. 2007. Disponível em <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/282/289>. Acessado em 10 set 2014.

SAWYER, Donald. Unidades de conservação, uso sustentável e funções socioecossistêmicas na Amazônia e no Brasil. In: SAUER, Sergio; ALMEIDA, Wellington (Org.). Terras e territórios na Amazônia: demandas, desafios e perspectivas. Universidade de Brasília, 2011.

SILVA, Rafael Ricardo Vasconcelos. Conexões entre o saber local e o científico sobre um fragmento de floresta ciliar na zona da mata norte de Pernambuco. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais). Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco/Departamento de Ciência Florestal, 2010. 108f.

SILVA, Andrea Aparecida Inácio da. **Para compreender a transformação do patrimônio cognitivo agrícola e ecológico no Faxinal Taquari dos Ribeiros, Rio Azul, Paraná: abordagens etnocientífica e geográfica.** Dissertação (Mestrado Geografia). Ponta Grossa: UEPG, 2012. 84f.

SILVEIRA, Éder da Silva. **História Oral e memória: pensando um perfil de historiador etnográfico.** MÉTIS: história & cultura – v. 6, n. 12, p. 35-44, jul./dez. 2007. Disponível <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/viewFile/835/592>. Acessado em 10 ago 2014.

SOUZA, Patrícia Carla de Almeida e. **Memória Oral e Transmissão de Conhecimento: a comunidade do Sapê, Niterói, Rio de Janeiro, na voz de mateiros, erveiros e cultivadores de plantas ornamentais da região.** (Dissertação de Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/Instituto de Psicologia, 2009. 138 f.

SOUZA, Carla Monteiro de; SILVA, Maria Georgina dos Santos Pinho e; SPOTTI, Carmem Vera Nunes. **"A Força de Contar Histórias": Tradição Oral Indígena e História Oral em Roraima.** Tempos Históricos. Volume 17. p. 213-232. 2º Semestre de 2013. Disponível em <http://e-revista.unioeste.br/index.php/tempohistoricos/article/view/9886/7204>. Acessado em 10 ago 2014.

STRACHULSKI, Juliano. **Os saberes ecológicos tradicionais de agricultores da comunidade rural Linha Criciumal e sua relação com a paisagem rural - Cândido de**

Abreu, PR. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2014. 176f.

TOLEDO, Victor Manuel; BARRERA-BASSOLS, Narciso. **A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais.** Desenvolvimento e Meio Ambiente, Editora UFPR, n. 20, p. 31-45, jul./dez. 2009. Disponível em <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/made/article/view/14519/10948>. Acessado em 07 mar 2014.

TOLEDO, Victor Manuel. **Povos/Comunidades Tradicionais e a Biodiversidade.** Tradução: Prof. Antônio Diegues. Instituto de Ecologia, UNAM, México. In: Levin, S. et al., (eds.) Encyclopedia of Biodiversity. Academic Press -2001. Disponível em [http://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/VITOR%20TOLEDO%20povos%20e%20comuniades%20PRONTO%20\(1\).pdf](http://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/VITOR%20TOLEDO%20povos%20e%20comuniades%20PRONTO%20(1).pdf). Acessado em 15 ago 2014.

UFAM. **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.** Disponível em <http://www.cep.ufam.edu.br/index.php/tcle>. Acessado em 11 set 2014.

Enviado para publicação: 13/02/2015

Aceito para publicação: 07/12/2015